

O FENÓMENO RELIGIOSO EM SAMPAIO BRUNO

Manuel Gama

Departamento de Filosofia e Centro de Estudos Humanísticos
Instituto de Letras e Ciências Humanas
Universidade do Minho

Materialistas e espiritualistas, ateus e crentes
«estão concordes no sentimento comum do horror pela intolerância religiosa»

SAMPAIO BRUNO, *A Questão Religiosa* (1907)

I

Conhecendo-se o pensamento de Sampaio Bruno apenas parcialmente, pode ser-se levado a concluir que o âmago das suas ideias em matéria religiosa se encontra na extensa obra *A Questão Religiosa*. Não o cremos. O assunto deste livro é de uma índole e o tema do fenómeno religioso é de outra. Ambas as dimensões têm a sua importância, mas a temática religiosa de nível fenomenológico e filosófico tem um carácter substancial de grau bem superior.

Ou seja, em matéria religiosa, dois caminhos poderiam ser seguidos em relação ao estudo do pensamento de Sampaio Bruno: ou sobre a chamada “questão religiosa” ou sobre a sua concepção de religião e respetiva utilidade.

Relativamente ao primeiro tema, Sampaio Bruno dedicou-lhe alguns estudos, sobretudo o amplo volume *A Questão Religiosa* (1907), onde trata fundamentalmente do problema da relação entre a Igreja e o Estado, anotando de forma decidida que a resolução dessa questão passava pela via da separação. No âmbito desse vasto e, à época, sensível processo, o filósofo portuense reflete sobre temas de carácter geral como a intolerância, o jesuitismo, o ultramontanismo. Numa dimensão mais específica, disserta sobre a confissão auricular e o papel da mulher, assim como acerca do casamento dos padres e a nacionalização da Igreja portuguesa. Não sendo esta a dimensão que mais nos interessa neste pequeno estudo, iremos debruçar-nos sobre o outro aspeto, o da sua concepção de religião (em sentido

fenomenológico e filosófico), claramente assumida em perspectiva de “transcendentalismo” e de misticismo judaico-gnóstico¹.

II

Numa visão lata, a religião em sentido experiencial, praticada em dimensão ritual, não era o que mais interessava a Bruno. Essa dimensão era meramente epidérmica; o âmago e a importância da religião não está na exterioridade, mas na sua interioridade.

Escreveu Sampaio Bruno n' *A Ideia de Deus*:

«A não resistência ao mal é falsa, porque, precisamente, eliminar o mal é o fim do homem, único e supremo. [...] O homem tem de dar contas do supremo dever que lhe incumbe, o dever para com a natureza inteira. Libertando-se a si, libertando os seus irmãos de espécie, ele contribuirá já para a libertação universal.»²

Há, aqui, ideias-chave a ter em conta: a eliminação do mal, o fim do homem e o dever do homem (para consigo próprio, para com os irmãos de espécie, para com a natureza inteira). Todas estas facetas se inserem no grande processo ideativo de Bruno em que o heterogéneo, em que se encontra o mundo, aspira regressar à unidade primeira do homogéneo inicial, integrado que está no sentido da evolução, dirigido à reintegração, em que se vai dando a progressiva espiritualização da matéria, desde o átomo primo até ao animal e ao homem. O sentido e a intencionalidade do homem é libertar-se a si, libertar os outros seres e, em atitude de “ética cósmica”, ajudar a evolução da natureza. Neste decurso acha-se, segundo Bruno, a colaboração de Deus através do **milagre** e da ação da **Providência** e tem pertinência o papel

¹ Veja-se o incisivo ensaio de Afonso Rocha, *A Gnose de Sampaio Bruno*, Zéfiro, Sintra, 2009.

² Sampaio Bruno, *A Ideia de Deus*, Livraria Chardron, Porto, 1902, p. 470. Estas ideias de Bruno inserem-se também nas denominadas éticas medioambientais, para as quais José Gómez-Heras propôs a seguinte taxonomia, atendendo ao critério de expansão da relevância moral: argumentações antropocêntricas; argumentação religiosa; argumentação patocêntrica; argumentação biocêntrica; argumentação fisiocêntrica e argumentação metafísica (Cf. José M^a G^a Gómez-Heras, «Propuestas de fundamentación de la ética del medio ambiente», em *Idem* (Coord.), *Ética en la Frontera*, Biblioteca Nueva, Madrid, 2002, pp. 16-17). O pensamento de Bruno, neste domínio, inserindo-se simultaneamente em três grupos tipológicos, o antropocêntrico, o religioso e o metafísico, pode ler-se como a defesa de uma «moral cósmica». À volta deste tema, pode ver-se o nosso estudo «Ecologia: fundamentação ontológica no pensamento português», em Fernando Augusto Machado, Manuel Rosa Gonçalves Gama, José Marques Fernandes (Org.), *Caminhos de Cultura em Portugal. Homenagem ao Prof. Doutor Norberto Cunha*, Húmus/CEHUM, Braga, 2010, pp. 307-320.

da **oração**. Neste ponto se cruza o pensamento bruniano com ideias similares de Bergson, Teilhard de Chardin e Fernando Pessoa. Contrariamente ao seu frequente interlocutor d' *A Ideia de Deus*, Amorim Viana, Bruno abre a possibilidade dos milagres: «o milagre existe: como interferência da contingência com a necessidade»³, ou seja, ainda nas suas palavras, «com a fatalidade coexiste a liberdade». Tema que associado ao da eficácia da oração, o nosso filósofo vê como formas de intervenção da Emanação divina. Em síntese, todo este processo, para Sampaio Bruno, forma o conteúdo da religião, concebendo-a e vendo a sua necessidade como mistério de “redenção” do Mal.

Mas o homem não está só nesta tarefa gigantesca. Nem sequer é o agente mais poderoso, embora tenha um carácter de protagonista: «O fim do homem neste mundo é libertar-se a si, libertando os outros seres.»⁴ Portanto, são as forças das «emanações divinas», de «recuperação», que catalisam o «movimento» de «retorno» do universo à «origem», já que «o penetram, o depuram e o avançam.»⁵

III

Sampaio Bruno não está centrado, específica e parcelarmente, no homem físico, nem no homem económico, nem no homem ético, nem no homem metafísico, nem sequer só no homem religioso. A sua ocupação e preocupação vão todas para o homem como “ser incógnito”, para o “homem problemático”⁶. Disso são expressão as suas obras *A Ideia de Deus* e *O Encoberto*. Embora não estivesse alheado das dimensões mais práticas da vida, nomeadamente de carácter político-religioso, como bem espelha na sua obra *A Questão Religiosa*.

A via a percorrer – mesmo nos terrenos da crença – não é a do sentimento, mas a da razão, pois enquanto a dimensão da fé une alguns, a razão irmana a todos: «A fé será teorema», proclama no *Encoberto*. É esse o horizonte da evolução do mundo. E, embora as aparências possam transmitir uma ideia contrária, a realidade é que o mundo *verdadeiro* avança nesse sentido, apesar de, por vezes, afirmar ele: «Se, na aparência, a expectativa gorou e a civilização

³ *Idem, Ibidem*, p. 289.

⁴ *Idem, Ibidem*, p. 468.

⁵ *Idem, Ibidem*, p. 464.

⁶ Cf. José Marinho, *Estudos sobre o Pensamento Português Contemporâneo*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981, pp. 79-80.

retrograda, - na realidade a aparência iludiu e, ao contrário, com verdade, o mundo moral avança.»⁷

No referido processo “de avanço” é que a religião é uma necessidade; ela é o principal farol (expressando-se com especial evidência em alguns Cavaleiros do Amor) que abre horizontes indicando o caminho.

Ou seja, o homem, naturalmente *homo religiosus*, vai cumprindo o papel de adjuvante da evolução, que realmente vai acontecendo, ainda que as aparências o não deixem transparecer:

«Bem sei que o desenvolvimento mental e moral nas sociedades políticas se não faz com o rigor lógico com que se raciocina nas ciências e se pretende raciocinar nas filosofias. Na **marcha histórica** tudo são compromissos, concessões, temporizações e contradições; e é por esses torcicolos, com suas regressões e suas estagnações, que o movimento definitivo de avanço se desenrola e prossegue.»⁸

Em última análise, este “movimento definitivo de avanço”, em horizonte teleológico, é, no esquema ideativo de Sampaio Bruno, a eliminação gradativa do Mal, para a qual todo o ser humano concorre, tornando, como tal, religiosa toda a atividade humana, no cumprimento do íntimo fim do homem de se libertar a si mesmo, conduzindo todos os outros seres para o mesmo fim. Nesta perspectiva, não há lugar para qualquer intolerância religiosa: «Assim, melhor será não castigar ninguém por motivo de religião. Que o maometano não degole o católico e que o católico não queime o judeu. Que todos eles amem a Deus como a pai comum e se amem uns aos outros, como irmãos.»⁹ E, citando do Evangelho de S. Mateus (Mt., 22, 34-40), Bruno afirma que o essencial da vida está nos dois primeiros mandamentos: o amor a Deus e o amor ao próximo. E se o primeiro não cativa, bastará o cumprimento do segundo. Nesta vivência está o essencial da vida e da religião, para *todos* os homens e não para qualquer povo em particular. Este é o desígnio da humanidade, para o devir e para o porvir.

IV

⁷ Sampaio Bruno, *O Encoberto*, Livraria Moreira, Porto, 1904, p. 378.

⁸ *Idem*, «Inconseqüências», em *A Pátria*, Porto, 14 de maio de 1910.

⁹ Sampaio Bruno, *A Questão Religiosa*, Livraria Chardron, Porto, 1907, p. 416.

O processo religioso de Sampaio Bruno é complexo. A religião do sentimento, como já referimos, não lhe serve. O seu fito é a “Religião da Razão”, sendo os verdadeiros cavaleiros os “Cavaleiros do Amor” ou “Cavaleiros do Espírito”, que terão o papel de anunciadores ou catalisadores da “Revolução” na religião e na sociedade, como ele deixou inscrito no seu Plano de um Livro a Fazer: «E a *nova Cavalaria*, cá os temos, seus cavaleiros. São os Cavaleiros do Amor; são os Cavaleiros do Espírito. Isto é, são os que professam a Religião da Razão. E, de longuíssima data preparando-a, se encaminham para a Revolução.»¹⁰ A estes seres estará incumbida uma dupla missão: eliminar a Igreja de Roma (ROMA é o inverso de AMOR) e como precursores da autêntica Revolução, deverão empenhar-se nas hodiernas revoluções, em sentido político, social, cultural.

Tomando a hermenêutica de Afonso Rocha, também nós assumimos que «à luz da sua obra e do seu pensamento, só restará concluir que, para Sampaio (Bruno), a perspectiva religiosa que por excelência existiu e foi cultivada ao longo da história da humanidade, e desde os seus primórdios, [...] foi a da religião esotérico-gnóstica, entendida em termos de um misticismo sincrético, pagão e universal, a saber, como uma religião que, por um lado, se baseia na consciência, no espírito e na liberdade, e que, por outro lado, só existe para fomentar a igualdade e a tolerância, o progresso e o “culto unitário”.»¹¹ Portanto, para Bruno, as religiões institucionais ao longo da história não servem: são poder e intolerância¹². Sobretudo a partir d’ *A Ideia de Deus*, as publicações do nosso filósofo têm uma profunda motivação religiosa, nelas se vislumbrando a ideia de que a religião tem de contribuir para eliminar o Mal, fazer com que o homem seja mais humano, enfim, concorrer para a libertação final. Pois, para Bruno, são inarredáveis as fontes de suscitação religiosa:

«Se o livre-pensamento conseguisse fazer desaparecer da terra a desigualdade económica, a distinção de pobres e ricos, as angústias da miséria, - poderia conjecturar que desaparecesse a religião, se não ficassem na terra ainda o mal natural, as enfermidades e o sofrimento, e o mal moral, as dúvidas e os zelos, as tristezas sem remissão e os

¹⁰ *Idem, Plano de um Livro a Fazer. Os Cavaleiros do Amor ou a Religião da Razão*, Organização, posfácio e notas de Joaquim Domingues, IN-CM, Lisboa, 1996, 240.

¹¹ Afonso Rocha, *Op. Cit.*, pp. 113-114.

¹² É neste contexto que tomamos a pertinente conclusão de Afonso Rocha: «[...] Bruno indicia imprimir à sua conceção gnóstica o teor de uma proposta de **religião universal** e alternativa às religiões de revelação positiva e institucionalizada.» - *Idem, Ibidem*, p. 10. O negrito é nosso.

remorsos que nada mitiga. Estas seriam outras tantas janelas entre-abertas à suscitação religiosa, se de todo a porta lha não escancarasse a Morte.»¹³

Portanto, para Sampaio Bruno, é pela religião que vem a humanização do homem, que, em analogia com um sistema de vasos comunicantes, vai lutando para diminuir o mal, e à medida que este vai regredindo, o homem vai ficando cada vez mais humano. É, pois, crucial a importância da dimensão religiosa na vida humana. Mas essa religião, esse cimento para fazer o *re-ligare* não é o da fé, mas o da razão, pois enquanto aquela é diversa e dispersante, esta é única e mais convergente.

Em conclusão final, podemos deduzir do pensamento de Sampaio Bruno que, em primeira aceção, a religião não é para garantir o céu depois da morte, mas para tornar este mundo melhor.

BIBLIOGRAFIA

BRUNO, Sampaio, *A Ideia de Deus*, Livraria Chardron, Porto, 1902.

BRUNO, Sampaio, *O Encoberto*, Livraria Moreira, Porto, 1904.

BRUNO, Sampaio, *A Questão Religiosa*, Livraria Chardron, Porto, 1907.

BRUNO, Sampaio, *Plano de um Livro a Fazer. Os Cavaleiros do Amor ou a Religião da Razão*, Organização, posfácio e notas de Joaquim Domingues, IN-CM, Lisboa, 1996.

BRUNO, Sampaio, «Inconsequências», em *A Pátria*, Porto, 14 de maio de 1910.

GAMA, Manuel, «Ecologia: fundamentação ontológica no pensamento português», em Fernando Augusto Machado, Manuel Rosa Gonçalves Gama, José Marques Fernandes (Org.), *Caminhos de Cultura em Portugal. Homenagem ao Prof. Doutor Norberto Cunha*, Húmus/CEHUM, Braga, 2010, pp. 307-320.

GÓMEZ-HERAS, José M^a G^a, «Propuestas de fundamentación de la ética del medio ambiente», em *Idem* (Coord.), *Ética en la Frontera. Media ambiente. Ciencia y técnica. Economía y empresa. Información y democracia*, Biblioteca Nueva, Madrid, 2002, pp. 13-46.

MARINHO, José, *Estudos sobre o Pensamento Português Contemporâneo*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981.

REGO, José Teixeira, *Estudos e Controvérsias*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1991.

ROCHA, Afonso, *A Gnose de Sampaio Bruno*, Zéfiro, Sintra, 2009.

¹³ Sampaio Bruno, *A Questão Religiosa*, *Op. Cit.*, p. 161.

